

O PROBLEMA DA INTOLERÂNCIA NA SOCIEDADE ATUAL: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS ÀS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Flávia Meira dos Santos; Mayrla Ferreira da Silva; Izaías Serafim de Lima Neto; Eliene Alves Fernandes; Tiago Soares Vieira; Juliana Fernanda Vieira Souza; Ana Maria Carneiro Almeida Diniz.

Universidade Estadual da Paraíba – flaviameira@hotmail.com;
Universidade Estadual da Paraíba – mayrlaf.silva2@gmail.com;
Universidade Estadual da Paraíba – izaiasserafimneto@outlook.com;
Universidade Estadual da Paraíba – ajlnalves@hotmail.com;
Universidade Estadual da Paraíba – thyagosoares07@hotmail.com;
Universidade Estadual da Paraíba – julianafvs1@gmail.com;
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – ana_diniz_4@hotmail.com

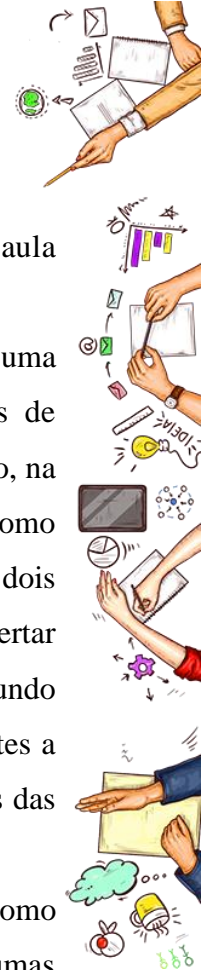
Resumo:

Sabe-se que o Brasil, desde sua formação colonial, apresenta uma nação heterogênea e mestiça composta por várias culturas. Em consonância a essa situação, vivemos em tempos contemporâneos em que os sujeitos não exibem mais uma identidade pré-estabelecida e concluída, mas fragmentada em muitos aspectos. Diante disso, surgem as diferenças, elas estão presentes nos mais variados segmentos sociais, expressas através das culturais, raças, religiões etc. Frente a essa diversidade e em algumas situações afloram nos sujeitos sentimentos de intolerância, que geram o desrespeito e, muitas vezes, a violência. Pensando nessas situações e no ensino de língua materna através da transversalidade, o presente trabalho tem como objetivo geral discutir acerca de uma sequência didática (SD) aplicada em um miniprojeto, intitulado **A INTOLERÂNCIA NA SOCIEDADE ATUAL: UM PROBLEMA CRESCENTE**, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que foi realizado em uma turma de 1ª série do ensino médio, na E.E.E.F.M. João Suassuna em Catolé do Rocha – PB. Essa SD, baseada em concepções de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), visou o desenvolvimento do gênero textual *artigo de opinião*. Além disso, utilizamos também como aporte teórico Hall (2005), PCNs Transversais (1997), PCNEM (2000), dentre outros. Em relação à metodologia, a presente pesquisa enquadra-se como de campo e relato de experiência, tendo em vista que os resultados das atividades desenvolvidas durante o projeto serão aqui expostos. Ao final da pesquisa, pôde-se perceber que o trabalho com o tema transversal abre margens a discussões importantes para formação crítica dos discentes, além disso a SD, quando bem planejada, amplia e desenvolve as habilidades e competências desses, no que diz respeito à formação educacional e ao letramento.

Palavras-chave: Ensino; Língua Portuguesa; Transversalidade; Intolerância; Sequência didática.

INTRODUÇÃO

A diversidade cultural é uma das características marcantes do Brasil desde a sua colonização, pois a formação do povo brasileiro parte de uma mistura de várias raças e etnias. Porém, em um mundo pós-moderno em que os sujeitos já não possuem identidades bem definidas, junto à diversidade está também o desrespeito, o preconceito, a intolerância e a violência. Aceitar o próximo e suas diferenças está cada vez mais difícil em uma sociedade que preza pelo ódio e que busca motivos para



perpetuá-lo. Assim, faz-se necessário abordar discussões sobre esses assuntos em sala de aula para que os alunos sejam formados em uma perspectiva crítica perante o meio social.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo geral discutir acerca de uma sequência didática aplicada em um miniprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que foi realizado em uma turma de 1ª série do ensino médio, na E.E.E.F.M. João Suassuna em Catolé do Rocha – PB. Ao elaboramos o projeto tivemos como tema principal *intolerância*, e como horizonte de expectativa um objetivo geral e dois específicos, que nos propomos a realizar em sala de aula: o objetivo geral era despertar reflexões acerca de como e por quê acontecem inúmeros casos de intolerância no mundo contemporâneo. Para isso, nos dispomos a elucidar sobre informações históricas e recentes a respeito das intolerâncias e, por fim, estabelecer uma compreensão sobre quais as causas das mesmas na sociedade atual, para que possamos combatê-las.

Assim, o trabalho envolvendo esse tema apresenta-se como relevante, pois, como citado antes, o Brasil é um país diverso e essa pluralidade cultural desperta em algumas pessoas atitudes preconceituosas. Além disso, o trabalho com temas transversais em sala de aula pode propiciar ganhos no desenvolvimento dos alunos, aperfeiçoando-nos habilidades e competências tanto no âmbito escolar quanto no social.

METODOLOGIA

Em primeira instância, a pesquisa aqui abordada caracteriza-se como revisão bibliográfica, tendo em vista as discussões sobre o tema principal do projeto pautadas em teorias como as de Hall (2005), PCNs Transversais (1997), PCNEM (2000), entre outros. Além do mais, também se enquadra como pesquisa de campo e relato de experiência, pois abordará as vivências em sala de aula obtidas durante a sequência didática, realizada no miniprojeto do PIBID Letras em Catolé do Rocha – PB. Para o desenvolvimento da SD, utilizamos como referência Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

A turma da 1ª série “A” do ensino médio contava com aproximadamente 35 alunos e as intervenções foram realizadas em 20 aulas, nas quais trabalhamos com diversos gêneros textuais e, por fim, solicitamos a produção de um artigo de opinião.

3 A INTOLERÂNCIA NA SOCIEDADE ATUAL: UM PROBLEMA CRESCENTE

O mundo contemporâneo é extremamente globalizado e os sujeitos dessa época vivem constantes modificações. Em períodos



diferentes, grandes revoluções aconteceram resultando em mudanças radicais. Neste tempo pós-moderno, vemos frequentemente uma revolução digital que molda as vidas e personalidades dos sujeitos que a vivenciam. Em meio a tantas diferenças está a diversidade e a pluralidade cultural que hoje estão cada vez mais interligadas.

Por ocasião das diversificações de padrões, surgem as diferenças na formação de uma identidade própria, que gera ou não, aos poucos, uma fuga do que um dia fora considerado um modelo único de como se viver em sociedade. “Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.” (HALL, 2005, p. 9), ou seja, a quebra desses paradigmas nos leva a criar personalidades fragmentadas, em outras palavras, atualmente não se é possível afirmar ser uno em identidade diante de tantas possibilidades e incertezas, isto é, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” (HALL, 2005, p. 13).

Junto à diversidade de identidades, está o preconceito, o desrespeito, a intolerância e a violência, sempre relacionados àquilo que é considerado fora do padrão estabelecido pela humanidade. Quando mencionamos “padrão” estamos falando não apenas daquilo que é estético, também. Porém, damos ênfase a um modelo que é estabelecido por instâncias maiores de conhecimento e regulamentação de sociedade como, por exemplo, a escola, a igreja, o estado. Todos são instâncias de poder que influenciam tanto de maneira positiva quanto negativa, estabelecendo lugares sociais aos sujeitos a partir do seu discurso.

A escola, instância maior de letramento, tem um papel importante na formação do discente enquanto sujeito crítico, no que diz respeito à construção de identidades, pois como afirmam os PCNs do Ensino Médio (2000, p. 20):

Na escola, a exigência de se dar espaço para a verbalização do não-dito será uma possibilidade para a construção de múltiplas identidades. Dar espaço para a verbalização da representação social e cultural é um grande passo para a sistematização da identidade de grupos que sofrem processos de deslegitimação social. Aprender a conviver com as diferenças, reconhecê-las como legítimas e saber defendê-las em espaço público fará com que o aluno reconstrua a autoestima.

Em outras palavras, ao invés da escola ignorar a existência da diversidade em sala de aula tentando equiparar os alunos, ela deveria explorar essas diferenças de forma que promova discussões resultantes em conhecimentos sobre esses assuntos, isto é, trazer à tona informações que vão para além do senso comum para que os discentes, a partir desse momento, tenham uma visão mais ampla da diversidade e aprendam a respeitá-la.

Desse modo, discutir na escola acerca da intolerância, principalmente no contexto brasileiro, é extremamente pertinente, tendo em vista que essa questão está diretamente ligada com as dificuldades que os adolescentes encontram em assumir identidades e mais, em respeitar as diferenças que há em sua escolha. Provocar reflexões sobre essas temáticas são imprescindíveis para que os discentes entendam o grave problema que atitudes intolerantes como o preconceito e a violência acarretam na humanidade, pois como afirmam os PCNs Transversais (1997, p. 21) reforçando o que fora discutido acima:

Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo.

Assim, debater sobre intolerância faz com que evoluamos em vários patamares relacionados às questões sociais, isto é, ao passo que discutimos acerca desse tema, estamos abordando vários outros, a começar pela diversidade cultural, busca pela identidade na contemporaneidade, preconceito contra o diferente, discriminação, bem como os vários tipos de violência. A partir desses, poderemos trabalhar mais temas como, por exemplo, o respeito e a construção da identidade através da alteridade, ou seja, o aluno aprende a colocar-se no lugar do outro.

Por fim, vale ressaltar que, para que essas discussões cheguem até os alunos, a escola deve estar aberta a diversidade ideológica e interessar-se em abordar temas como esse, tendo em vista que essa abordagem já consta nos textos que compõem os PCNs, o que afirma a sua importância e sua autorização para ocupar as sala de aula. Além disso, é preciso reconhecer que, para que o trabalho seja desenvolvido de forma satisfatória, se faz necessário a mobilização de todo o corpo escolar e não apenas de um único profissional, mas que também os professores, agentes influenciadores da formação, estejam aptos a tratar desses assuntos de forma mais impessoal possível, para que a sala de aula, lugar onde as discussões devem acontecer, não acabe virando um dispositivo reprodutor de discriminações, como ocorre frequentemente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse tópico, nos propomos a descrever a forma como o projeto foi aplicado, as necessidades que foram surgindo e a maneira que encontramos de supri-las. Após discussões e planejamentos, optamos por determinado tema, pois consideramos pertinente tais assuntos serem desenvolvidos em sala de aula, tendo em vista

que são temáticas facilmente encontradas no contexto de sociedade em que os alunos estão inseridos. Iniciamos o miniprojeto fazendo uma breve explicação do que seria desenvolvido no decorrer das aulas, sendo possível perceber a maneira que seria necessária para dar prosseguimento as propostas.

Para que as atividades fossem executadas de maneira que não houvesse nenhum prejuízo tanto para os alunos, quanto para o que o miniprojeto propunha desenvolver, fizemos uso da sequência didática (SD) pois:

Acredita-se que, por meio desta estratégia, haja avanço na apropriação do ensino, que as concepções dos escolares possam ser conhecidas, permitindo as intervenções dos docentes assim que necessárias. Sendo assim, uma ação democrática aos discentes. Por meio da sequência didática, o docente que tenha fragilidade em algum conhecimento pode ter a oportunidade de adquiri-lo enquanto se prepara para lecionar tal tema. (LEAL, sem data, p. 07)

Ou seja, a sequência didática é um dos métodos mais adequados para executar esse tipo de atividade, pois possibilita aos docentes dar continuidade o conteúdo de acordo com o decorrer das aulas, suprimindo assim as necessidades que irão surgindo. Nesse sentido, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) definem Sequência Didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Em outras palavras, o planejamento de uma SD é constante, pois é desenvolvido através dos feedbacks que os alunos oferecem ao docente, a partir do que vai sendo exposto em sala de aula, permitindo assim que tanto o professor quanto o aluno desenvolvam novas maneira de ensino e aprendizagem de acordo com o seu contexto e a sua capacidade. O projeto desenvolvido, intitulado de “A intolerância na sociedade atual: um problema crescente” teve como objetivo trazer para o contexto da sala de aula temáticas referentes a algo que é bem presente na contemporaneidade. Os diversos tipos de intolerância são frequentemente notícias, por isso é algo pertinente para o contexto escolar.

Prosseguimos trabalhando o gênero textual artigo de opinião, pois os assuntos discutidos serviram de aporte para a elaboração desse texto, como também aulas expositivas sobre a estrutura do gênero, que foram desenvolvidas a partir de breves atividades de elaboração de texto com o objetivo de sondar qual seria a maior dificuldade dos discentes nesse processo.

Para elaboração da SD do miniprojeto, apoiamo-nos no esquema de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) que começa o trabalho por uma *apresentação da situação* e posteriormente uma *produção inicial*. Essa serve de instrumento para

o professor perceber as lacunas dos alunos e elaborar *módulos* que supram essas necessidades. Os teóricos não definem número limite para essa etapa da SD, cabe ao docente estabelecer isso. Após o trabalho com os módulos, o esquema sugere que os alunos façam a *produção final*, como podemos ver na imagem a seguir:

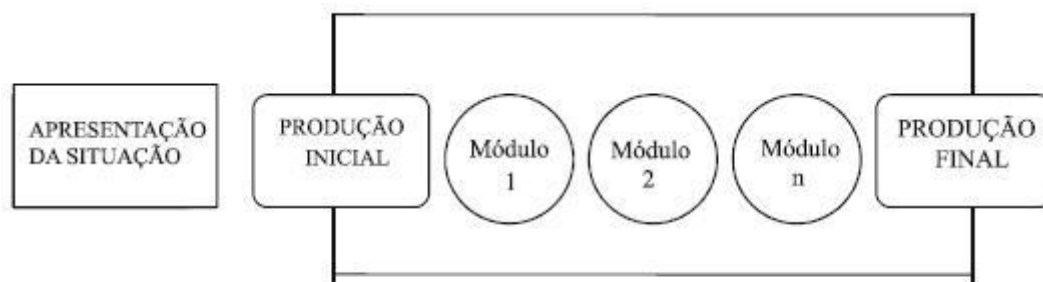


FIGURA 1 - Esquema da sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Dessa forma, para o trabalho em sala de aula, iniciamos levando gêneros como charges, tiras, e etc. a fim de promovermos uma discussão acerca da intolerância na sociedade atual. Além disso, também trabalhamos com recursos audiovisuais, levando vídeos, entrevistas e reportagens sobre os tipos de intolerância mais comuns e quando surgiram. Em consonância a essas atividades, foi realizado um trabalho com o gênero textual a ser produzido: o artigo de opinião. Em suma, nas primeiras aulas do miniprojeto, estabelecemos segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) a *apresentação da situação* (imagem 1 e 2).



(Imagem 1)



(Imagem 2)

Depois dessas atividades e discussões, solicitamos dos alunos uma *produção inicial* (imagem 3) do gênero escolhido. Eles puderam optar pelos diversos temas que foram abordados nas aulas, como por exemplo, o racismo, machismo, xenofobia, homofobia, a intolerância religiosa dentre outros. A realização dessa produção fora em sala de aula. Como mencionado antes, essa produção funciona como uma reguladora de toda a SD, pois essa ajuda tanto professores quanto alunos.

Para os alunos, é nesse momento que ativam seus conhecimentos para realização da produção e possivelmente possam perceber o que ainda precisam melhorar. Para os professores, é nessa etapa que acontecem “momentos privilegiados de observação, que permitem refinar a sequência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 102)





(Imagem 3)

A partir das correções, pudemos perceber que a maioria da turma apresentava lacunas em relação a coerência e a coesão do texto escrito. Diante disso, realizamos no *módulo 1* (imagem 4) algumas aulas voltadas a esses aspectos textuais para suprir essa necessidade. Vale lembrar que de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 105), esses módulos não tem um número finito, o professor quem definirá essa etapa a partir das lacunas perceptíveis: “é muito importante propor atividades as mais diversificadas possíveis, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e os instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso”.



(Imagem 4)





Após o desenvolvimento dos módulos, foram entregues os textos corrigidos, quando solicitamos que os alunos os refizessem, levando em consideração as correções e as aulas ministradas. Esse é o momento da *produção final* (imagem 5) que segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 107) oferece “a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos”, ou seja, os alunos refazem o texto (oral ou escrito) e aplicam os conhecimentos trabalhados e aprofundados.



(Imagem 5)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, podemos perceber que a temática escolhida como tema transversal foi muito pertinente para ser desenvolvida em sala de aula, pois trata-se de um conteúdo que faz parte do cotidiano dos alunos. Também é perceptível o fato de que este tema não poderia ser desenvolvido de qualquer maneira, por isso optamos por elaborar uma sequência didática que, no decorrer das aulas, contemplasse o tema e os conteúdos programáticos da disciplina para sanar as deficiências verificadas através da correção das atividades aplicadas ao longo do trabalho.

Nas aulas discursivas e de produção textual, foi possível perceber aos poucos que alguns dos alunos tinham avançado, nos conteúdos relacionados à temática do projeto e também nos assuntos que envolviam a produção do gênero escolhido, mostrando assim os resultados positivos. Sendo assim, acreditamos que a



junção do método da sequência didática, envolvendo o tema transversal e os mecanismos de produção de texto, é eficaz o que pertinente seu desenvolvimento, pois foram alcançados os objetivos pretendidos com o projeto e percebemos o desenvolvimento dos alunos que participaram efetivamente das atividades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF, 2000.

DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. NOVERRAZ, M. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado das Letras, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / tradução: Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEAL, Antunes. **Sequência didática: brincando em sala de aula: uso de jogos cooperativos no ensino de ciências.** (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências). Rio de Janeiro: sem data. Disponível em <http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/5416>

